Brazilian Journal of Development

O conflito na Ucrânia entre 2014 e 2018 e seu impacto na segurança internacional

Conflict in Ukraine between 2014 and 2018 and its impact on international security

DOI:10.34117/bjdv5n8-113

Recebimento dos originais: 19/07/2019
Aceitação para publicação: 28/08/2019

Kaiser David Vargas Konrad
Formação: bacharel em Jornalismo (Unisinos) e mestrando em Ciências Aeroespaciais
Instituição: Universidade da Força Aérea
Endereço: Marechal Fontenelle, 1200 - Campo dos Afonsos | Rio de janeiro – RJ CEP: 21740-000 - Brasil
Email: Konrad.defense@gmail.com

Humberto José Lourenção
Formação acadêmica mais alta: Pós-doutorado em Ciências Militares (ECEME-Brasil)
Instituição Academia da Força Aérea (AFA) e Universidade da Força Aérea (Unifa)
Endereço: Estrada Pirassununga-Aguaí, S/N. Pirassununga - SP
Email: lourencao@hotmail.com

RESUMO

A guerra no Leste da Ucrânia completa quatro anos em 2018. Embora os Acordos de Minsk, em 2014, tenham freado o avanço do conflito, naquele momento apenas serviram para dar uma satisfação para a comunidade internacional, dizendo que os líderes europeus se preocupavam com o que estava acontecendo e dessa forma evitar um confronto direto entre os Exércitos da Rússia e Ucrânia pela posse daquela região, acontecimento que representaria uma séria ameaça à paz Internacional. A anexação da Crimeia e o conflito no leste ucraniano provocaram a maior crise entre a Rússia e o Ocidente desde o final da Guerra Fria, e tinha potencial para ir mais além. Os acontecimentos de 2014 foram resultados de uma grande operação encoberta conduzida pela inteligência militar russa no exterior (Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie - GRU), que colocou mais uma vez em prática a Maskirovka, ou engodo militar, desta vez fazendo uso dos modernos recursos tecnológicos do século 21. A manobra teve um objetivo estratégico claro, enfraquecer e manter a Ucrânia na zona de influência russa, impedindo qualquer possibilidade ingresso na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e na União Europeia. Através de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa realizada in loco ao longo dos últimos quatro anos, através de extensa cobertura jornalística do autor, este artigo busca elucidar os acontecimentos ocorridos na Crimeia e no leste da Ucrânia, o emprego da Maskirovka pela Rússia, atualizado ao cenário do século XXI sob forma de uma moderna guerra híbrida, e analisar a importância do assunto à luz do estudo da Segurança Internacional.

Palavras-chave: Maskirovka – Donbas – Crimeia.

Brazilian Journal of Development

ABSTRACT

The war in eastern Ukraine is already four years in 2018. Although the Minsk Accords in 2014 slowed down the conflict, at that time they only served to satisfy the international community, saying that European leaders were concerned about that was happening and thus avoid a direct confrontation between the Russian and Ukrainian armies for the possession of that region, an event that would represent a serious threat to international peace. The annexation of the Crimea and the conflict in eastern Ukraine triggered the biggest crisis between Russia and the West since the end of the Cold War, and had potential to go further. The events of 2014 were the result of a large covert operation conducted by Russian military intelligence abroad (Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie - GRU), which again put Maskirovka, or military decoy again, this time making use of the modern technological resources of the 21st century. The maneuver had a clear strategic objective, to weaken and maintain Ukraine in the Russian zone of influence, preventing any possibility of entry into the North Atlantic Treaty Organization (NATO) and into the European Union. Through a bibliographical review and a survey carried out in loco over the last four years, through extensive journalistic coverage of the author, this article seeks to elucidate events in the Crimea and eastern Ukraine, the employment of Maskirovka by Russia, updated to the scene of the 21st century in the form of a modern hybrid war, and to analyze the importance of the subject in the light of the study of International Security.

Key-worlds: Maskirovka – Donbas – Crimea.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar o emprego de um conjunto dissimulado de operações político-militares, a denominada Maskirovka, que a Rússia empreendeu contra a Ucrânia a partir de 2014, com a finalidade de anexar a Crimeia. Os dados primários, além de materiais da mídia e documentos governamentais, foram levantados a partir de uma extensa cobertura jornalística feita pelo autor.

A guerra na Ucrânia e sua relação com a Rússia é complexa e multifacetada. Tem antecedentes históricos que muito bem retratam o porquê do conflito. No ano 880 foi criado o Principado de Kiev (ou Rus de Kiev), onde hoje é a capital ucraniana, e que foi o predecessor dos que viriam a se tornar os estados eslavos da Rússia, Bielorússia e Ucrânia. Foi em Kiev que as tribos eslavas aceitaram a fé cristã, o que fez dela uma cidade sagrada para os cristãos ortodoxos. De Moraes (2004), afirma que "a história da Ucrânia e a da Rússia se misturam em vários momentos desde a criação dos dois Estados. Para os russos, Kiev é o berço da Rússia moderna. Para os ucranianos, porém, a Rus de Kiev [...] a mãe da Rússia moderna, mas não se confunde com ela". Os antecedentes históricos e religiosos deram a Kiev um status diferenciado e uma importância estratégica e simbólica para os russos. Séculos de guerras e revoltas passaram até a chegada do comunismo e o apogeu da União Soviética no século XX, quando a Ucrânia viria a ser reconhecida como sua segunda mais importante república,

importante motor industrial, científico e econômico, cujas extensas planícies tinham as terras cultiváveis mais férteis da Europa. Os agricultores do país foram contrários à política de coletivização do campo por entenderam que isso seria um segundo regime de servidão, ou seja, um sério golpe à política imposta pelos líderes comunistas, que tinham de enfrentar crises internas e fome em seus diversos territórios, e as terras ucranianas eram o celeiro da União Soviética. A partir de 1933, a coletivização forçada provocou o confisco de toda a produção agrícola. O "Holodomor", que deriva do ucraniano " moriti golodom" e se traduz como "matar de fome", foi uma catástrofe humanitária ocorrida nos anos 30 do século XX por causa da coletivização forçada da terra realizada pelo ditador soviético Iosef Stalin [...]Historiadores ucranianos consideram que foi uma política de extermínio deliberadamente planejada por Stalin para achatar toda a resistência contra o regime comunista, suprimir os movimentos nacionalistas e impedir a criação de um Estado Ucraniano Independente (KINSON, 2017). Em poucos meses, mais de 3,5 milhões de pessoas morreriam de fome e isto ficou marcado como uma cicatriz no íntimo na memória da nação até os dias de hoje.

Com o fim da União Soviética, a Ucrânia herdou parte significativa do seu poder de combate. Segundo Cirincione, Wolfsthal e Rajkumar (2005, p. 378-379), “a Ucrânia possuía o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, algo superior a 1.900 ICBMs; entre 2.650 e 4.200 ogivas nucleares táticas em seu território, incluindo 176 silos de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais (130 SS-19 e 46 SS-24) além de 44 bombardeiros estratégicos.” Em 1994, o país assinou com a Rússia, Estados Unidos e Reino Unido, o Memorando de Budapeste, o qual, em troca da transferência completa do seu arsenal nuclear aos russos e a adesão do país ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, os signatários garantiam sua proteção contra qualquer ameaça à soberania, integridade territorial e guerra econômica. Esta foi, talvez, uma prova do despreparo, imaturidade e ingenuidade política da Ucrânia independente e seu maior erro estratégico, pois além de entregar a única arma que poderia dissuadir qualquer tipo de ameaça, a Ucrânia deixou de ser um player de respeito na comunidade internacional, advindo do poder coercitivo resultado da posse de tais armas. Dos signatários do memorando, somente a Ucrânia cumpriu sua parte. O Memorando de Budapeste foi um claro exemplo de que uma nação não pode abrir mão da sua própria independência e meios de defesa, e uma lição de que não se pode delegar a terceiros a responsabilidade por sua segurança. Alguns países (principalmente os Estados Unidos e outros membros da OTAN) argumentam que a recente agressão russa, incluindo a anexação da Criméia, viola o Memorando de Budapeste que levou a Ucrânia a renunciar às armas nucleares em seu território

após a dissolução da União Soviética e a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

2 A CRISE UCRANIANA

No afã de vir a ser aceito na União Europeia, o país já negociava um acordo de livre comércio com o bloco europeu como um primeiro passo naquilo que seria sua guinada final ao Ocidente, dando as costas aos antigos parceiros da ex-União Soviética, sobretudo à Rússia de Vladimir Putin. O presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, um oligarca pró-russo que era natural da região do Donbas, onde tinha sua base eleitoral, e que no passado foi pivô da chamada Revolução Laranja - um ensaio da crise que estava por vir - deixou que a população nutrisse profundas expectativas com a assinatura desse acordo, mas poucos dias antes de confirmá-lo, em novembro de 2013, para consternação geral decidiu-se por apoiar os esforços de Putin na sua União Eurasiana, um bloco econômico formado por ex-integrantes da URSS.

Convocados pela internet, grupos de jovens e ativistas foram para a principal praça da cidade, a Maidan Nezalezhnosti (Praça da Independência), para protestar e cobrar explicações do governante. O povo estava decepcionado e se sentia enganado. A cada dia mais pessoas se juntavam ao grupo que não saiu mais de lá. À medida que a praça era lotada por milhares de manifestantes, crescia a repressão. Pessoas de diferentes classes sociais e representativas da sociedade ucraniana, desde trabalhadores assalariados, profissionais liberais, líderes políticos de diversos partidos e religiosos, uma maioria de estudantes e até de membros da comunidade diplomática, estavam lá para cobrar o que o governo havia prometido, e este movimento ficou conhecido como EuroMaidan, ou Revolução da Dignidade. A violenta repressão policial foi o combustível necessário para incendiar o movimento e fazer com que ganhasse repercussão internacional. Acampados em tendas protegidas por barricadas, os ativistas resistiram com pedras e coquetéis Molotov por quase três meses, enquanto aguentavam o inverno, com temperaturas que ultrapassavam os 20 graus negativos. Foi quando os primeiros manifestantes começaram a sumir e os primeiros mártires a aparecer, momento que o protesto mudou de rumo para virar uma batalha campal entre repressores e aqueles que lutavam pela liberdade e a democracia. A polícia de elite, a Berkut, decidiu desferir o golpe final ao utilizar armamento real, provocando um massacre nas ruas do centro de Kiev. Nos 93 dias de acampamento, morreram 125 pessoas. O presidente Yanukovich, com receio de ser responsabilizado, decidiu fugir para Rússia, abandonando o cargo de presidente. De acordo com a Constituição, e em resposta à comoção nacional, o Parlamento votou sua destituição e a formação de um governo

provisório até as novas eleições. Em público, trocas de farpas e acusações sobre o papel que cada um teve na crise; nos bastidores, uma luta entre Rússia e Ocidente era travada pela influência no futuro da estratégica Ucrânia.

Na sequência dos acontecimentos na praça Maidan, irromperam protestos nas ruas de Simferopol, a capital da República Autônoma da Crimeia. Localizada na costa ucraniana no Mar Negro, a Península da Crimeia foi transferida para o território ucraniano em 1954, por Nikita Kruschev, num gesto considerado de forte simbolismo por ter como objetivo celebrar o 300º aniversário da integração da Ucrânia ao Império Russo, em referência ao Tratado de Pereyaslav, assinado em 1654. (KRAMER, 2018). De localização estratégica, esse território ucraniano abriga a sede da Frota do Mar Negro, instalada em Sebastopol, sendo este um dos dois únicos portos de águas quentes que a Marinha Russa tinha acesso, o outro era Tartus na Síria, sendo que ambos no prazo de um ano seriam conquistados.

Centenas de soldados desembarcaram na península na Crimeia. Eles identificavam-se como sendo forças populares de autodefesa. Com os rostos cobertos por balaclavas, vestiam uniformes militares verdes sem qualquer insígnia ou marca de identificação. Estavam muito bem armados e usavam veículos militares com placas russas. Cortaram todas as comunicações, destruíram centrais telefônicas e colocaram novos transmissores nas antenas de rádio e TV. Carros blindados BTR-90 e GAZ Tigr bloquearam as principais vias de acesso à península e cercaram as unidades militares ucranianas. Um bloqueio naval russo impediu que os navios da Marinha Ucraniana se fizessem ao mar e a Base Aérea de Belbek foi tomada pelos Pequenos Homens de Verde, com 45 MiG-29 capturados. Alguns aviões ainda conseguiram decolar e fugir para Ucrânia. A ordem de Kiev era não atacar ou aceitar provocações dos misteriosos soldados para não criar um conflito aberto com a Rússia, da mesma forma que havia acontecido com a Geórgia, em 2008, cuja guerra fez o país perder 30% do seu território. A maior parte dos militares ucranianos se rendeu, já que, devido à crise econômica, havia muitos anos que as Forças Armadas não realizavam o rodízio das tropas, e aqueles que serviam na Crimeia eram em sua maioria nativos de lá que tinham suas razões para não resistir e desertar. A comunidade internacional acusava a Rússia de enviar Forças Especiais para a Crimeia, o que era negado pelo Kremlin. Porém, isso seria admitido meses depois. Estava em andamento uma complexa operação diversionista organizada pela inteligência militar russa. Uma nova doutrina de emprego baseada na velha arte militar russa da “Maskirovka” (mascarados). Na sequência dos acontecimentos, após a ocupação e controle da península da Crimeia por forças

russas, foi realizado um referendo que declarou a secessão da Ucrânia e posterior anexação da península à Federação Russa.

Na noite de 12 de abril de 2014, cerca de 50 homens mascarados e fortemente armados chegaram à cidade de Sloviansk, no leste ucraniano. Usavam uniformes militares verdes e coletes à prova de balas. Tomaram a prefeitura e o posto de polícia, onde capturaram todas as armas, e também a sede do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU- Sluzhba Bezpeky Ukrayiny). Logo foi iniciada uma operação de sabotagem ao capturarem os transmissores de TV e rádio e na interrupção das comunicações telefônicas e de internet de toda região. A partir daquele momento, a população não teve mais acesso às informações vindas do resto do país, e nem sequer canais de TV locais podiam ser vistos. Só estavam disponíveis programas vindos da Rússia, de reportagens com forte apelo patriótico e de propaganda, retratando os fatos ocorridos na capital de uma maneira distorcida e até inverídica, instigando a população a se rebelar, afirmando que o "governo nazista da Junta Militar que havia tomado o poder em Kiev" planejava perseguir os russos e os ucranianos russófonos para colocá-los em campos de concentração, da mesma forma como fizera Hitler com os judeus. A propaganda utilizada como instrumento de guerra psicológica condenava a nova expressão do nacionalismo ucraniano e a comparava com os grupos antissoviéticos que lutaram pela independência da Ucrânia, na fronteira oeste, durante as décadas de 1930/40.

Conclamava os cidadãos "a se unirem e resistirem tal qual seus pais e avós" durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial. Este apelo aos tempos da "Grande Guerra Patriótica" mexeu com a sensibilidade de parte significativa das pessoas e ganhou forte apoio. Desempregados, desocupados, criminosos, ex-militares soviéticos aposentados e pessoas insatisfeitas com o novo governo se voluntariaram e se uniram àqueles mascarados "Pequenos Homens de Verde", que se intitulavam combatentes pró-russos, sob a bandeira da recentemente autoproclamada República Popular de Donetsk, na região que acreditam ser a Novorossiya, ou Nova Rússia, nome dado às terras mais ao sudeste durante os tempos imperiais. Esses Homens de Verde, que se diziam vir de várias partes, majoritariamente da Crimeia, mas falavam russo com sotaque diferente dos ucranianos, eram liderados por um homem que ficaria muito conhecido durante todo conflito. Seu nome, Igor Ivanovich Strelkov, que a inteligência ucraniana afirma ser o pseudônimo de Igor Vsevolodovich Girkin, um coronel russo nascido em Moscou, que teria participado dos conflitos na Transnítria, Bósnia e Chechênia, tendo se envolvido em massacres e crimes de guerra por onde passou. Fontes alegam que ele era um membro da inteligência militar russa, da temida e respeitada "Glavnoye

Razvedyvatelnoye Upravlenie" (GRU). Strelkov era especializado em operações encobertas no exterior e, em Sloviansk, comandava um destacamento que, segundo foi revelado pela SBU, seria pertencente ao "45º Separate Guards Spetsnaz Regiment" das forças aerotransportadas russas, uma unidade de elite das Forças Especiais (Spetsnaz), especializada em conduzir operações psicológicas, de reconhecimento e sabotagem em território inimigo. Utilizando técnicas e táticas especiais, este efetivo de cerca de 50 operadores, muito bem equipado e treinado, dava prosseguimento à segunda fase de uma operação que havia sido muito bem sucedida na Crimeia, resultado de uma nova e hábil doutrina que se revelou uma inédita forma de se fazer a guerra. Barricadas foram colocadas nas principais vias de acesso ao centro da cidade, enquanto todos os prédios públicos foram ocupados e suas entradas guarnecidas pelos "misteriosos" e bem armados "insurgentes". A presença estatal já não existia mais. Na sequência irromperam os primeiros embates que envolveram elementos das Forças Especiais ucranianas e unidades da Guarda Nacional. A violência escalou e se espalhou pelas regiões de Donetsk e Luhansk na fronteira com a Rússia. O recém eleito presidente Petro Poroshenko ordenou às Forças Armadas neutralizar os grupos armados e retomar o controle da região, uma situação que desde o início era vista por Kiev e seus aliados como uma agressão encoberta russa. A criação da Operação Antiterrorista (ATO) deu amparo legal para que os militares pudessem ser mobilizados e empregados em combate dentro das fronteiras do país e contra seus próprios cidadãos. A secessão, como é comum no mundo todo, era proibida pela Constituição e manter a integridade territorial era o principal objetivo, pois a Crimeia já havia sido perdida. Mais de 15 mil soldados foram mobilizados, junto com 160 carros de combate, 230 veículos blindados e mais de 150 peças de Artilharia. Aproveitando a chegada da primavera, as principais unidades de combate - que já estavam todas mobilizadas - foram enviadas para a zona de operações, incluindo aquelas forças aerotransportadas e unidades blindadas subordinadas ao 6º Exército, com sede em Dniepropetrovsk. A 25ª Brigada Aerotransportada (paraquedista) realizou o bloqueio da cidade, mas sua reputação foi manchada quando seis das suas viaturas blindadas tipos BMD-1 e BMD-2 recusaram-se a lutar e se renderam aos separatistas. Dois desses veículos foram, dias depois, recuperados pelas tropas paraquedistas da 95ª Brigada Aeromóvel de Zhytomyr, a principal força de reação rápida do Exército Ucraniano.

As intervenções da Aviação do Exército, principalmente as missões de assalto aéreo, evacuação aeromédica, observação, reconhecimento armado e de apoio aéreo aproximado, intensificaram-se e mostraram-se fundamentais para o avanço das tropas. O apoio russo ao

sangrento conflito na região do Donbas provocou a derrubada de 22 aeronaves militares (AXE, 2018) que executavam 740 surtidas de combate, a maior parte delas abatidas por mísseis lançados de ombro (MANPADS), e de um avião civil por um míssil BUK guiado por radar (voo MH17 da Malaysia Airlines) causando a morte de 298 cidadãos estrangeiros, lançado de dentro do território sob controle separatista por tropas pertencentes à 53ª Brigada de Mísseis Antiaéreos, da Rússia. (OSBORNE, 2018) Essas ações foram conduzidas por uma combinação de forças regulares e clandestinas bem treinadas e equipadas que usavam táticas típicas daquelas executadas por Forças Especiais, em cuja ação simularam ser uma insurgência separatista. Seus integrantes eram em sua maioria, operadores oriundos de unidades de elite das forças militares russas. Mascarados, eles eram militares de unidades especiais participando de uma grande operação encoberta, inserida no contexto de uma Guerra Híbrida dentro do que se conhece na Rússia pelo termo Maskirovka, ou dissimulação, camuflagem. (SHARKOV, 2017)

3 O CASO UCRANIANO E A SEGURANÇA INTERNACIONAL

Esse tipo de operação encoberta é uma especialidade da arte da guerra, uma forma de dissimulação, engodo, que os soviéticos e seus sucessores russos souberam conduzir, a fim de atingir objetivos militares, não somente táticos e operacionais como aqueles alcançados durante a Segunda Guerra Mundial, como também estratégico, a exemplo da Crise dos Mísseis de Cuba e recentemente na Ucrânia. Corolário da crise russo-ucraniana foi a recente anexação da Crimeia numa operação russa de camuflagem e dissimulação militar (military deception), cujos resultados acabaram por assegurar a anexação de todo um valioso e estratégico território sem a necessidade do enfrentamento de forças; uma vitória sem precedentes do ponto de vista militar, que, em situações similares e em um passado não tão distante, levara outras nações à guerra total. Essa operação foi inicialmente testada durante a guerra na Geórgia (2008) e amplamente utilizada na Ucrânia (2014), tendo a Rússia conseguido a anexação da Crimeia e fomentado o conflito armado que ainda se desenrola no leste ucraniano e que poderá gerar uma provável (maior) autonomia ou independência daqueles dos territórios separatistas no Donbas, deixando um saldo atual estimado em mais de 10 mil mortos.

Esses acontecimentos na Ucrânia foram atualizados ao cenário do século XXI sob forma de uma moderna guerra não-convencional, que foi conduzida em tempo de paz e sob pretexto de uma insurreição civil, e esse acontecimentos ressurgiram plenamente pela primeira vez após o Fim da Guerra Fria, como uma nova idiossincrasia da expansão geopolítica russa

no leste europeu, e sua execução teve o intuito de mascarar as operações militares russas em território ucraniano e seus objetivos em seu entorno geoestratégico.

Lindley-French (2015), analisa que:

> O uso russo de guerra híbrida ou não-linear na Ucrânia também sugere o embaçamento da distinção tradicional da OTAN entre defesa coletiva e segurança coletiva. Maskirovka é na verdade guerra que está aquém da guerra, uma estratégia proposital de engano que combina o uso da força com desinformação e desestabilização para criar ambiguidade nas mentes dos líderes da Aliança sobre como melhor responder.

Sucessora da União Soviética e herdeira do seu Assento Permanente no Conselho de Segurança da ONU e do maior arsenal nuclear mundo, estimado em 8.850 bombas atômicas, segundo a Arms Control Association (2018), a Rússia voltou a se projetar como uma das grandes potências geopolíticas da atualidade em torno de uma década após o término da Guerra Fria, com a ascensão de Vladimir Putin ao poder. O conflito que atualmente se desenrola entre a Federação Russa e a Ucrânia reforça aquilo que a Escola de Copenhague sustenta sobre as idiossincrasias da segurança internacional, no que se refere às dinâmicas regionais de segurança: a lógica dos conflitos interestatais atuais está regionalizada, e não mais internacionalizada (Buzan & Waeeaver, 2003).

Em contraponto à ideia da regionalização dos conflitos da Escola de Copenhague, está Mearsheimer (2014), que, em uma perspectiva neorrealista afirma que a crise ucraniana foi provocada pela intervenção dos países do Ocidente, que, ao forçarem um avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no entorno geoestratrégico russo, configurou seus movimentos como uma ameaça à segurança nacional da Rússia, principalmente por intermédio do encorajamento e da possibilidade de que o ingresso da Ucrânia na Aliança Atlântica oportunizasse a instalação de uma base naval no estratégico porto de Sevastopol, sede da Frota do Mar Negro da Marinha Russa e de bases aéreas na península da Criméia.

Aranha (2015) analisa a visão russa, onde uma guerra híbrida representaria uma resposta não-convencional à ameaças de mesma magnitude, conforme salienta a Doutrina Gerasimov:

> Assistimos no século XXI a uma tendência de suprimir as linhas de separação dos estados de guerra e de paz. As guerras não mais são declaradas e, uma vez iniciadas, comportam-se de acordo com um modelo não-familiar. A experiência dos conflitos militares – inclusive aqueles conectados às assim chamadas "revoluções coloridas" no norte da África, Oriente Médio e Eurásia – confirmam

> que um Estado normalmente próspero pode, em questão de meses e até dias, transformar-se numa arena de ferozes conflitos armados, tornar-se vítima de intervenção estrangeira e afundar num mundo de caos, catástrofe humanitária e guerra civil.

As ações russas na Ucrânia também refletem o que prescreve a Teoria da Guerra Irrestrita, dos coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui. Entender e empregar o princípio da assimetria (neste caso Rússia versus OTAN) corretamente permite explorar os pontos fracos do inimigo, sendo que a primeira regra do "Unrestricted Warfare" é que não há regras, nada é proibido. (Waller, 2000)

Han (2014, p. 39, grifo nosso) destaca que:

> A anexação da Criméia pela Rússia em 21 de março de 2014 pegou quase todo mundo desprevenido. Os militares russos categoricamente disfarçaram suas ações e as veementemente negaram, mas os "pequenos homens de verde" que apareceram naquela península no Mar Negro foram um caso russo de dissimulação conhecido como Maskirovka. Dada à crença comum de que as Potências Ocidentais tinham monitorado cada metro do mundo por satélites de reconhecimento e de todos os canais de informação eletrônica, uma teoria perpetuada pelo aumento recorrente de vazamentos de informações classificadas, isto foi especialmente espantoso. Vivemos em tempos onde é certo que não existe nenhum jeito onde que uma grande operação militar possa ser realizada sem disparar um de muitos alertas - mas a anexação da Criméia mostrou que o lugar da supostamente antiquada estratégia militar da dissimulação permanece e muito na era da informação moderna. Dissimulação explora a eficácia da surpresa para atingir objetivos militares, ocultando ou disfarçando intenções e os detalhes operacionais de suas forças. A capacidade de manipular e disseminar informações atualmente ampliou enormemente as capacidades de expandir sua influência além dos domínios estratégicos.

Roberts (2015) afirma que família de capacidades que compunham a tradicional tática de dissimulação militar russo-soviética incluíam camuflagem, engano, negação, subversão, sabotagem, espionagem, propaganda e operações psicológicas. Para o referido autor, o que se passou na Ucrânia pode ser chamada de Maskirovka 2.0,

> [...] uma continuação da velha abordagem militar, à qual se devem adicionar coerção, manipulação de mídia, o emprego de combustíveis fósseis, acesso à energia e preço como arma, ciberataques, agitação política, uso de agentes provocadores, o destacamento de forças militares em status clandestino e o desenvolvimento de forças substitutas, fornecendo armas, equipamentos, treinamento, inteligência, apoio logístico e comando e controle. Além disso, o Maskirovka 2.0 depende da

> diplomacia secreta e baixa visibilidade e/ou preparação clandestina do plano político, militar, econômico e informacional.

Prazeres (2014, p. 24) afirma que a "Rússia invadiu [a Ucrânia] com forças ligeiras, aparentemente com uma postura que deixa indiciar boa preparação militar e marcou a sua posição de força com militares no terreno e não só com presença marítima e aérea". O general norte-americano Jack Keane, sobre o conflito na Ucrânia, disse que "esta é a linha de frente de uma nova geração de guerra". (PETERSON, 2017) Segundo Sinclair (2016), o Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, incrédulo diante da intervenção da Rússia na Ucrânia, em 2014, comentou: "Não se pode, em pleno século XXI, portar-se à maneira do século XIX, invadindo outro país sob um pretexto totalmente inventado". Sloboda (2014, p. 12) apregoa que a independência da Crimeia foi ilegal, pelo motivo de a sua declaração "[...] ter sido realizada em decorrência da impossibilidade de a Ucrânia exercer soberania sobre esse território". Sobre a crise ucraniana Pomeranz (2014, p. 1, grifo nosso), informa que "[...] surgiram acusações de **que a Rússia estaria não só as estimulando, como delas participando diretamente, através de militares dos seus serviços especiais**. No mesmo sentido, Winid (2014, p. 78, grifo nosso) também analisa o imbróglio belicoso no leste europeu, sob o prisma do Direito Internacional, ao sustentar que:

> [...]a situação na Ucrânia está se desenvolvendo numa péssima direção. Nós poderíamos falar sobre um tipo de invasão, não com tanques, mas uma invasão do século 21, utilizando forças especiais, grupos irregulares e elementos sem insígnias.

Conforme Prazeres (2014, p. 24), o conflito russo-ucraniano "[...] poderá ser um figurino utilizado noutros cenários e eventuais iniciativas, num formato de baixo perfil, tão discreto quanto possível, com custos financeiros relativamente reduzidos". Daí, dentre outros, a importância de se estudar tal conflito, como destaca o Centro de Doutrina do Exército Brasileiro (DOUTRINA MILITAR EM REVISTA 2016, p. 5, grifo nosso) ao apregoar que investigar a

> [...]guerra híbrida e seus reflexos para o sistema de defesa do Brasil, identificando os aspectos relevantes desse modal de conflito e enfatizando as lições aprendidas do caso ucraniano. Esse assunto deve ser estudado devido à sua importância, desde o nível político, implicando, para a preparação do país, o envolvimento do poder nacional em todas as suas expressões.

4 CONCLUSÃO

Atualizada ao cenário do século XXI sob forma de uma moderna guerra não-convencional, com a presença de atores estatais e não-estatais, foi conduzida em tempo de paz e sob pretexto de uma insurreição civil, os acontecimentos na Crimeia e no leste da Ucrânia, ressurgem plenamente pela primeira vez após o Fim da Guerra Fria, como uma nova idiossincrasia da expansão geopolítica russa no leste europeu, e sua execução teve o intuito de mascarar as operações militares russas em território ucraniano e seus objetivos em seu entorno geoestratégico. Esses acontecimentos podem ser analisados também na concepção de cenários prospectivos, haja vista que poderiam ser utilizados para atingir os mesmos efeitos e objetivos noutras regiões, sejam no entorno geoestratégico russo, como nos Países Bálticos, Polônia, Bielorrússia e Cazaquistão, ou mesmo por outras nações com o intuito de dissimular suas ações para conquistar objetivos territoriais, políticos ou militares.

REFERÊNCIAS

DE MORAES, Marcio Senne. Kiev deu início tanto à Ucrânia quanto à Rússia. Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2611200403.htm>. Acesso em 12 agosto 2018.

Joseph Cirincione, Jon B. Wolfsthal, Miriam Rajkumar, Deadly Arsenals: Nuclear, Biological, and Chemical Threats, (Washington, DC, Carnegie Endowment for International Peace, 2005, pp. 378-379.

KINSON, Khrystyna. “Holodomor", ou como Stalin matou de fome milhões de ucranianos de fome. UOL. Disponível em https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/11/27/holodomor-ou-como-stalin-matou-de-fome-milhoes-de-ucranianos.htm. Acesso em 12 agosto 2018.

"Statement by the Representative of the Delegation of Ukraine," First Committee of the 69th Session of the General Assembly of the United Nations, 10 October 2014, www.statements.unmeetings.org.

ARANHA, Frederico. Guerra de Nova Geração na Ucrânia. Colapso da Capacidade de Resistência. Defesanet. 30 setembro 2015. Disponível em <http://www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/20397/Guerra-de-Nova-Geracao-na-Ucrania--Colapso-da-Capacidade-de-Resistencia-/>. Acesso em 22 abril 2017.

Arms Control Association. Nuclear Weapons: Who Has What at a Glance. Disponível em < https://www.armscontrol.org/factsheets/Nuclearweaponswhohaswhat> . Acesso em 29 junho 2018.

AXE, David. Ukraine Has Lost Half Its Warplanes. War is boring. 25 janeiro 2015. Disponível em https://warisboring.com/ukraine-has-lost-half-its-warplanes/. Acesso em 4 junho 2018.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. Security: a new framework for analysis. Boulder: Lynne Rienner, 1998.

BUZAN, B.; WÆVER, O.; Regions and Powers. The Structure of International Security. Cambridge University Press. 2003. 564p.

DOUTRINA MILITAR TERRESTRE EM REVISTA, Equipe. Edição completa. Doutrina Militar Terrestre em Revista, [S.l.], v. 4, n. 9, jan. 2016. ISSN 2317-6350. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/article/view/718>. Acesso em: 28 jul. 2018.

LINDLEY-FRENCH, Julian. NATO: Countering Strategic Maskirovka. Canadian Defence & Foreign Affairs Institute. Disponível em < https://d3n8a8pro7vhmx.cloudfront.net/cdfai/pages/543/attachments/original/1432247421/NATO_Countering_Strategic_Maskirovka.pdf?1432247421>. Acesso em 02 agosto 2018.

Flight MH17 shot down by Russian-built Buk missile, Dutch report says. Reuters. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-mh17/flight-mh17-shot-down-by-russian-built-buk-missile-dutch-report-says-idUSKCN0S71C820151013> . Acesso em 25 setembro 2017.

KONRAD. K. Uma nova Guerra Fria na Ucrânia. Tecnologia & Defesa, São Paulo, n. p. , abr/mai. 2016.

Maskirovka' is Russian Secret War. The war is boring. 26 agosto 2014. Disponível em: <https://medium.com/war-is-boring/maskirovka-is-russian-secret-war-7d6a304d5fb6>. Acesso em 29 setembro 2014.

MEARSHEIMER. John. J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault. Foreign Affairs. Sep.Oct 2014. Disponível em < http://www.foreignaffairs.com/articles/141769/john-j-mearsheimer/why-the-ukraine-crisis-is-the-wests-fault>. Acesso em 27 outubro 2014.

Nuclear Weapons: Who has what at a glance. Arms Control Association. Disponível em https://www.armscontrol.org/factsheets/Nuclearweaponswhohaswhat . Acesso em 24 setembro 2017.

OSBORNE, Samuel. Flight MH17 shot down by Russian military-sourced missile, investigators conclude. Independent. 24 maio 2018. Disponível em <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/mh17-missile-ukraine-2014-russia-military-netherlands-deaths-investigation-a8366721.html>. Acesso em 4 junho 2018.

PETERSON, Nolan. Why the War in Ukraine Matters to America. The Daily Signal. Disponível em http://dailysignal.com/2017/12/15/why-the-war-in-ukraine-matters-to-america/. Acesso em: 02 janeiro 2018.

POCOCK, Chris. Ukraine Has Lost 22 Aircraft to Rebel Forces. AIN Online. Disponível em http://www.ainonline.com/aviation-news/defense/2014-11-26/ukraine-has-lost-22-aircraft-rebel-forces. Acesso em 24 setembro 2017.

POMERANZ. A crise na Ucrânia. Junho 2014. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2014/junho/14.06.Crise_na_Ucr%C3%A2nia.pdf >. Acesso em 30 setembro 2014.

PRAZERES. J.P. O conflito na Ucrânia sob o ponto de vista da segurança e defesa. Jornal de Defesa e Relações Internacionais. 2014. 28 p.

ROBERTS, JAMES Q. Maskirovka 2.0: Hybrid Threat, Hybrid Response. Center for Special Operations Studies and Research. Disponível em < http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/1007494.pdf>. Acesso em 02 agosto 2018.

RACHKEVYCH. M. Ukrainian Air Force Has Lost 18 Combat Aircraft in Fighting With Rebels Since April 2014. Kyiv Post. 22 agosto 2016. Disponível em: http://www.matthewaid.com/post/95467830636/ukrainian-air-force-has-lost-18-combat-aircraft-in>. Acesso em 03 agosto 2015.

SHARKOV, Damien. Putin congratulates Russian special forces in Crimea anniversary. Disponível https://www.newsweek.com/putin-congratulates-russian-special-forces-crimea-anniversary-561760. Acesso em 28 de julho de 2018.

SINCLAIR, N. Velha Geração. A Evolução — e Não uma Revolução — do Modo de Guerra Russo. Military Review. Disponível em < https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160930_art005POR.pdf>. Acesso em 29 julho 2018.

SLOBODA. P.M. A anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica. Centro de Direito internacional. 2014. 22 p.

THE UNITED STATES ARMY SPECIAL OPERATIONS COMMAND. "Little Green Men": A Primer on Modern Russian Unconventional Warfare, Ukraine 2013-2014. Fort Bragg, 2015. 78p.

WINID. B. "É preciso diversificar para evitar a dependência": Entrevista com o Vice-Ministro de Relações Exteriores da Polônia, país que deseja uma parceria de longo prazo com o Brasil. Tecnologia & Defesa, São Paulo, n. , p. , mai/jun. 2014. Entrevista concedida a Kaiser Konrad.